

ECONOMIA (/ECONOMIA)

(/economia)

Arturo Bris: "A digitalização vai criar desigualdades enormes entre países"

É um optimista em relação ao projecto europeu e ao euro, "a maior inovação financeira já feita". Mas avisa que a digitalização vai criar graves desequilíbrios a que os Governos terão de responder.



André Veríssimo

averissimo@negocios.pt (<mailto:averissimo@negocios.pt>)

13 de julho de 2017 às 00:01

O economista, especialista em Finanças e professor do IMD, uma das mais prestigiadas escolas de negócios do mundo, considera que a Europa está no caminho certo, diz que o proteccionismo irá penalizar sobretudo as pequenas empresas que não apostarem na especialização, e alerta para os riscos da digitalização e da criação de monopólios tecnológicos como o Google.

A economia europeia está a acelerar, as eleições na Holanda e em França foram ganhas por forças políticas do centro e não por populistas. Podemos estar optimistas?

Está a perguntar à pessoa errada. Sempre fui super-optimista sobre a Europa e acho que a realidade demonstrou que estava certo. A Europa atravessou a sua pior crise de sempre, a nível político e económico. Nos últimos 25 anos, todos os ditos especialistas afirmaram que a União Europeia (UE) e o euro iam acabar, que é uma confusão, não tem liderança. Se pesquisar no Financial Times a expressão "ruptura do

euro" aparecem 200 entradas. Há todo este pessimismo sobre a União Europeia, que veio de fora.

Nos Estados Unidos sempre existiu muito cepticismo, de vários economistas...

Quando o euro foi introduzido, ainda me lembro do cepticismo, de que nunca iria sobreviver. Acho que atravessámos a nossa pior crise, e fomos extremamente resilientes. Você vem de Portugal, eu sou espanhol, sabemos do que estamos a falar. Se eu acho que o futuro está na Europa? Não há qualquer dúvida. Se olhar para o ranking mundial de Competitividade do IMD, dos 10 países no topo, metade são europeus. Acho que para a Europa agora será sempre a melhorar. Lembro-me que, há um ano, estávamos ainda a digerir o choque do Brexit, e tivemos a mesma discussão, de que seria o beijo da morte para a UE e afinal aqui estamos. Passamos do Brexit para o que chamo o "Brout".

"Brout"?

Não é sobre como o Reino Unido irá sair da União Europeia, mas como nós, europeus, vamos mandar o Reino Unido embora ["out"]. A União Europeia vai sair desta crise mais forte.

Mas é ou não preciso fazer alguma coisa para reformar a UE? Não é preciso reforçar as instituições?

Claro que sim. Sempre disse que a União Europeia é para os nossos filhos. Não devemos esperar torná-la perfeita na minha geração. Vivi o processo de integração, o mercado único, o euro. Isto é muito. Estamos a falar da maior inovação financeira jamais feita no mundo, o euro. Irá levar gerações a consolidar. Claro que precisamos de melhorar a

integração política. Vamos fazê-lo, mas temos de fazê-lo lentamente. Primeiro precisamos de uma cultura comum, de transformar as instituições. Mas estamos no caminho certo.

Não há nenhum país que se tenha tornado uma potência mundial sem proteccionismo.

ARTURO BRIS

DIRECTOR DO CENTRO MUNDIAL DE COMPETITIVIDADE DO IMD

Alguma reforma específica que considere prioritária?

Precisamos de reforçar a representatividade das instituições. Não do Banco Central Europeu, que tem de ser independente. Acho que precisamos de melhorar a representação política das autoridades europeias. Torná-las mais ligadas com os seus eleitores. Olhando para o Brexit acho que precisamos de um "governance" melhor, e reformas no sistema financeiro de forma a criar um mercado realmente integrado, em que não haja conflitos. Agora há mais possibilidades para a Europa se tornar num centro financeiro mundial e provavelmente um mercado de mercados. Mas para isso é preciso mudar a City de Londres e os serviços financeiros que lá existem para a União Europeia. Infelizmente não temos um consenso sobre onde localizar estes serviços, como vamos regulá-los de uma melhor forma.

Um dos motivos actuais de preocupação é o proteccionismo comercial, nomeadamente nos EUA? Estamos a assistir a um solavanco no processo de globalização ou é uma tendência mais estrutural?

Duas observações. Uma é que historicamente não há nenhum país que se tenha tornado uma potência mundial sem proteccionismo. A China, o

império britânico, o império espanhol ou os Estados Unidos, todos se tornaram potências mundiais através do proteccionismo. É fácil falar de proteccionismo quando se tem uma posição dominante. Vá a África dizer-lhes que devem abrir as fronteiras ao comércio. Em segundo lugar, no nosso centro de competitividade temos dito que o comércio livre é a forma certa de ser competitivo. Competitividade não é competição. Dois países podem tornar-se mais competitivos ao mesmo tempo quando fazem trocas comerciais. Não é um jogo de soma nula. Quando os países fecham as suas fronteiras, também reduzem a sua competitividade.

O que é que as empresas podem fazer para se defenderem?

Para as empresas globais a adaptação será fácil. Podem ter os serviços de IT na Lituânia, a produção na Índia e a sede no cantão de Zoug, aqui na Suíça. Já para as pequenas empresas será um problema. O seu único activo será a especialização. Voltamos atrás a David Ricardo, ao século XIX. Temos de voltar à especialização naquilo que nos faz bons no nosso país.

Se esta tendência proteccionista se impuser, vamos assistir a uma diminuição do crescimento global.

Sim. Mas temos de fazer alguma coisa. A digitalização, a inteligência artificial e outras novas tecnologias estão a provocar uma mudança no paradigma económico que vai originar discrepâncias e desigualdades enormes entre os países. O facto de a tecnologia e o mundo digital vir a ser dominado por uma empresa nos EUA ou na China, vai criar um desequilíbrio global. A tecnologia cria monopólios naturais. A Google torna-se monopolista na sua indústria, a Huawei, a Apple. No fim do dia, a questão é como protegemos as pessoas?

Como protegemos as pessoas?

O problema é que temos o Skype, que é criado na Estónia, e depois vem o capital americano e compra-o e transplanta para os EUA uma fantástica fonte de criação de valor. Os empregos perdem-se. Não sei se é um sistema de impostos global? Ou se se força empresas como o Google, Skype ou a Apple a comportarem-se como se tivessem sede nesses países? O problema é que depois não há incentivo para se inovar nesses países. Se eu tornar a vida difícil para a Google, eles não vão operar no meu país. E o meu país irá ficar prejudicado. É um círculo vicioso.

Sem solução fácil à vista.

O problema é que a solução tem de vir do Estado, através dos impostos. Mas depois é uma coisa socialista. Podemos dizer que vamos taxar a Uber, mas depois destruimos o ambiente "amigo dos negócios no país", que é bom para a economia. Como é que protegemos os trabalhadores sem nos tornarmos a Coreia do Norte?

O Facebook quantos empregos cria nos países onde existe? A Google, que empregos cria?

ARTURO BRIS

DIRECTOR DO CENTRO MUNDIAL DE COMPETITIVIDADE DO IMD

PERFIL

Competitividade ao som de viola baixo

Arturo Bris é director do Centro Mundial de Competitividade do IMD - International Institute for Management Development, com sede em Lausanne, onde é também professor de Finanças. Antes de se juntar à

escola de negócios suíça, uma das mais prestigiadas do mundo, foi professor de "corporate finance" na Yale School of Management, nos EUA, entre 1998 e 2005. O seu currículo no site do IMD diz que é um apaixonado por competitividade global, desenvolvimento financeiro e macroeconomia, com artigos publicados em várias publicações de referência. Formou-se em Direito e Economia na Universidade Autónoma de Madrid e tem um doutoramento em "Management" do INSEAD. Os hóbis incluem ciclismo de estrada e montanha. Toca viola baixo.